

**Sustentabilidade: como o consumismo desenfreado está prejudicando o meio ambiente.**

**Sustainability: how the consumerism is harming the environment.**

*Na Grã-Bretanha, durante a redação dos Enclosure Acts, Thomas More<sup>1</sup> escreveu: “As ovelhas comem os homens”. A terra até então cultivada para o exclusivo sustento alimentar desaparecia pouco a pouco em favor de cultivos para produzir lã e matéria-prima destinada aos proprietários de terra e às fábricas.*

Sir Thomas More, *Utopia* (1516)

Roberto Aguilár M. S. Silva  
Pesquisador A  
Embrapa Pantanal

## RESUMO

A reflexão sobre a influência da sociedade na crise ambiental, conduziu a um novo conceito - o de desenvolvimento sustentável. Desenvolvimento Sustentável é definido como um modelo equilibrado de desenvolvimento econômico, político, social, cultural e ambiental, que satisfaça as necessidades das gerações atuais, sem comprometer a capacidade das gerações futuras de satisfazer suas próprias necessidades. Existe uma diferença entre o consumo por necessidade e aquele consumo de significado simbólico. O consumo de significado simbólico é aquele pelo qual o cidadão tende a desejar sempre um novo produto sem ter em vista a sua real finalidade. A mídia, a publicidade, e as empresas “criam necessidades artificiais” de novos produtos, induz o cidadão ao consumo desnecessário. Quando as pessoas vão às compras em qualquer supermercado, pode encontrar uma variedade infinita de tipos de produtos, porém não deve se esquecer do seu papel de cidadão, capaz de intervir em assuntos de extrema relevância para a sustentabilidade ambiental.

## ABSTRACT

Reflection on the influence of society on the environmental crisis, led to a new concept - that of sustainable development. Sustainable Development is defined as a balanced model of economic development, political, social, cultural and environmental, that meets the needs of present generations without compromising the ability of future generations to meet their own needs. There is a difference between the consumption of necessity and that consumption of symbolic meaning. The consumption of symbolic meaning is that by which the public tends to always want a new product without having a view to its real purpose. The media, advertising, and companies "create artificial needs" of new products, leads the public to unnecessary consumption. When people go shopping in any supermarket, you can find an infinite variety of product types, but should not forget their role as citizens, able to intervene in matters of extreme importance to environmental sustainability.

---

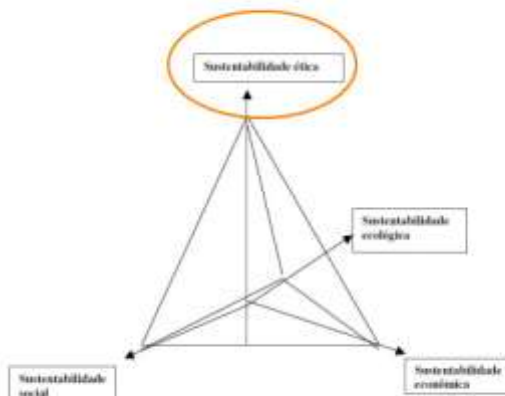
<sup>1</sup> São Sir Thomas More, por vezes latinizado em Thomas Morus ou aportuguesado em Tomás Moro (Londres, 7 de Fevereiro de 1478 — Londres, 6 de Julho de 1535), foi homem de Estado, diplomata, escritor, advogado e homem de leis, ocupou vários cargos públicos, em especial, de 1529 a 1532, o cargo de "Lord Chancellor" (Chanceler do Reino - o primeiro leigo em vários séculos) de Henrique VIII da Inglaterra. É geralmente considerado como um dos grandes humanistas do Renascimento. A sua obra mais famosa é *Utopia* (1516) (em grego, *utopos* = "em lugar nenhum"). Neste livro criou uma ilha-reino imaginária que alguns autores modernos viram como uma proposta idealizada de Estado e outros, como sátira da Europa do século XVI. Um dos aspectos desta obra de More é que recorre à alegoria (como no Diálogo do conforto, ostensivamente uma conversa entre tio e sobrinho) ou está altamente estilizada, ou ambos, o que lhe abre um largo campo interpretativo.

Segundo o Centro de Informação e Documentação Anti-Colonial (2010), a globalização é uma realidade, as relações econômicas mundiais cada vez são mais determinantes das economias/ políticas locais e as repercussões globais são cada vez mais difíceis de ignorar, seja na áreas social, seja na ambiental ou até na cultural. Já não podemos viver sossegados no nosso mundo fechado, o “orgulhosamente sós” há muito passou. E por que acontece isto? É a estrutura básica da nossa sociedade: numa economia de mercado, o que salta à vista é um velho conceito – vivemos em sociedades de consumo; logo, é o comércio que faz andar a economia, é o consumo que nos permite viver em sociedades industrializadas complexas, que necessitam da troca para funcionar. As sociedades ocidentais são consumidoras 24 horas por dia, em todas as áreas da sua vida; mesmo dormindo participam nessa economia de troca e remuneração – desde o frigorífico ou aquecimento, que nunca para de compensar o clima, até o servidor de Internet ou à iluminação que nos permitem ler este texto. Existe uma diferença entre o consumo por necessidade e aquele de significado simbólico. O consumo de significado simbólico é aquele pelo qual o cidadão tende a desejar sempre um novo modelo de aparelho ou produto sem ter em vista a sua real finalidade. Juntamente com a mídia e a publicidade, as empresas “criam necessidade” desses bens, induzindo o cidadão ao consumo, muitas vezes, desnecessário (PANAROTTO, 2010).

Por outro lado, o aprofundamento da crise ambiental, juntamente com a reflexão sistemática sobre a influência da sociedade nesse processo, conduziu a um novo conceito: o de desenvolvimento sustentável. Esse conceito alcançou um destaque inusitado a partir da década de 1990, tornando-se um dos termos mais utilizados para se definir um novo modelo de desenvolvimento (VAN BELLEN, 2004). Define-se por “desenvolvimento sustentável” um modelo econômico, político, social, cultural e ambiental equilibrado, que satisfaça às necessidades das gerações atuais, sem comprometer a capacidade das gerações futuras de satisfazer as suas próprias necessidades. Essa concepção começa a se formar e se difundir junto com o questionamento do estilo de desenvolvimento adotado, quando se constata que é ecologicamente predatório na utilização dos recursos naturais; socialmente perverso, com geração de pobreza e extrema desigualdade social; politicamente injusto, com concentração e abuso de poder; culturalmente alienado em relação aos seus

próprios valores e eticamente censurável no respeito aos direitos humanos e aos das demais espécies. (CATALISA, 2010).

Para Pellaud, além das interações entre desenvolvimento social, econômico e ecológico às quais o conceito normalmente se refere, o desenvolvimento sustentável faz apelo a um quarto polo: a da reflexão ética (Figura1).



**Figura 1** Eixos de sustentabilidade do desenvolvimento sustentável segundo Pellaud (2002).

Segundo Pellaud (2002), originada deste último, reencontramos, então, a responsabilidade coletiva, mas também individual. Porém, muitos obstáculos tornam esta responsabilização difícil. De um ponto de vista do indivíduo, três grandes dificuldades são relevantes. A primeira está relacionada à dificuldade para aceitar essa responsabilidade. Habitado, em países ocidentais<sup>2</sup>, a ser protegido por seguradoras e ser defendidos por um sistema jurídico, o indivíduo, inevitavelmente, tenta acusar "o outro". É difícil, também, para o indivíduo aceitar as deficiências presentes no ambiente e na sociedade, que para ele devem coexistir harmonicamente, pois estão ligadas à sua escolha de vida e consumo. É, então, acima de tudo, "culpa" dos outros, do sistema político, que deveria tomar "boas decisões"; das indústrias, que, por meio de propagandas, incitam o consumo excessivo; do Estado e dos Municípios, que não põem à disposição as infraestruturas adequadas da falta de triagem e reciclagem do lixo. Não será também "culpa", por exemplo, de oferta de meios mais eficientes de reciclagem do lixo? (Figura 2).

<sup>2</sup> Budismo: a prática moral de demonstrar respeito pela natureza, bem como o uso responsável que se faz dela, tornaram-se um modo de vida para os tibetanos.



**Figura 2:** Obstáculos para a responsabilização, segundo Pellaud (2002).

Para a mesma autora, esta primeira etapa esclarecida, resta que o gesto individual não é discernido como tendo qualquer "poder de influência" na maneira como pode evoluir a sociedade. Se esse argumento pode ser uma simples escapatória à vontade dissimulada de não se querer investir, de não se envolver, essa etapa é explicada, igualmente, pela dificuldade sentida pelas pessoas quanto à complexidade do processo. A noção de desenvolvimento sustentável tem implícito um "compromisso de solidariedade com as gerações do futuro", no sentido de assegurar a transmissão do "patrimônio" capaz de satisfazer às suas necessidades. Implica a integração equilibrada dos sistemas econômico, sociocultural e ambiental e dos aspectos institucionais relacionados com o conceito muito atual de "boa governança". É nesse sentido que têm sido desenvolvidos diversos programas, estratégias, regulamentos e um sem-número de diretrizes que apontam para que as escolhas de hoje sejam sustentáveis amanhã (Cooperar em Português, 2010).

Trabalho desenvolvido por Motta (2002) sobre o padrão de consumo, distribuição de renda e o meio ambiente no Brasil suscitou sérias questões distributivas para as políticas ambientais no Brasil, a saber:

a) embora o nível de consumo das pessoas pobres não seja a principal fonte de degradação, elas tendem a arcar com a maior parte dos impactos da degradação, em razão da sua baixa capacidade de incorrer em gastos defensivos.

b) Como a pressão de degradação se deve, principalmente, ao padrão de consumo das classes de renda mais alta, qualquer tentativa de evitar um controle mais estrito da degradação que afete as decisões de consumo criará um subsídio para o consumo dos ricos às expensas dos pobres. Entretanto, como as taxas de concentração da degradação são mais baixas do que as respectivas taxas de renda, quando o controle da degradação se torna mais severo, as pessoas pobres tenderão a pagar mais pelo controle ambiental por unidade de consumo se esses custos forem passados através dos preços.

De fato, isso poderia já estar acontecendo para os custos de controle incorridos nos casos da poluição industrial da água, que apresenta os mais altos níveis de controle para as fontes industriais. Podemos comparar as emissões potenciais e residuais (após o controle) e com essa comparação observamos que as taxas de concentração para os níveis residuais são mais altas do que as potenciais, o que significa que a maior parte da redução foi feita sobre o nível de consumo dos pobres. Conforme Araújo (2010), as empresas geralmente encontram dificuldades em manter um equilíbrio entre meio ambiente e desenvolvimento. No intuito de ganhar espaço no mercado, buscam produzir cada vez mais, consumindo cada vez mais recursos naturais (matéria-prima, energia), como se fossem infinitos ou facilmente substituíveis, e gerando grandes quantidades de resíduos. Apesar de, atualmente, as empresas investirem também no desenvolvimento sustentável, muitas vezes buscam apenas a adequação às normas (e, conseqüentemente, a credibilidade no mercado), tomando medidas imediatistas e ineficazes para alcançar os objetivos de cunho ambiental. Todo esse consumo excessivo acaba interferindo no equilíbrio dos grandes ciclos da biosfera e, em longo prazo, pode vir a inviabilizar a vida de organismos superiores no planeta. Com isso, o maior desafio encontrado pelas empresas é o de cooperar com a manutenção do meio ambiente sem que a sua economia seja afetada. E para tal, não bastam apenas medidas reparadoras ou de adequação às exigências da legislação ambiental. As indústrias do futuro, ecologicamente responsáveis, devem promover mudanças na base do seu processo produtivo.

Segundo Gusmão (2010), ao reduzirem temporariamente o consumo, os Estados Unidos imprimiram em todo o mundo uma instabilidade econômica generalizada. Os norte-americanos são levados a consumir mais energia,

água, alimentos, a fim de "salvar o mundo" da recessão econômica. Promovem, dessa forma, um verdadeiro suicídio planetário. O que se conclui disso tudo? Estamos "perdidos" se a estabilidade econômica mundial depender da manutenção insustentável do consumo norte-americano. A verdade é que a lógica do crescimento econômico infinito não existe porque a economia real é baseada em recursos naturais finitos. Esse é o legado que os Estados Unidos deixam ao planeta. Seu estilo perdulário e consumista é exportado para todo o mundo através da sua eficiente indústria de comunicação. O país detém 5% da população mundial, contribui com 36% das emissões de gases de efeito estufa e consome 25% da energia mundial. No que se refere aos países desenvolvidos, estes congregam um quinto da população mundial. Essa minoria, porém, consome 80% de todos os recursos naturais consumidos, em média, quinze vezes mais papel e dez vezes mais aço. Para os quatro quintos da população restantes no mundo, sobram apenas 20% de recursos. Este dado é preocupante, uma vez que sabemos que esta população está adotando o mesmo estilo consumista pregado pelos norte-americanos. A conta ambiental simplesmente não fecha. O mundo já consome 25% a mais de recursos naturais que a capacidade de regeneração do planeta. Se o modelo norte-americano fosse igualmente incorporado pelo Bric, sigla que reúne os quatro maiores países em desenvolvimento (Brasil, Rússia, Índia e China), responsáveis por 65% da população mundial, necessitaríamos de mais três planetas como este para consumirmos.

Para o mesmo autor, três coisas precisam ser ditas sobre o futuro do planeta:

- 1 – Os Estados Unidos têm de reduzir seu consumo e, com isso, respeitar a capacidade de produção e de regeneração de seu território.
- 2 – O mundo não pode seguir de forma passiva o modelo insustentável norte-americano.
- 3 – O consumo tem de ser igualitário no planeta e de acordo com sua capacidade de regeneração; temos, urgentemente, de passar pelo consumo consciente para chegar a uma sociedade solidária.

Segundo Vandana Shiva<sup>3</sup> (2010), a ameaça que paira sobre nossa sobrevivência ecológica e a cultura de insegurança cada vez maior têm como origem principal o jugo e o domínio das construções abstratas, aliados à negação do real, do concreto, do que produz vida. Esse “afastamento” de nosso ser biológico remonta, historicamente, à divisão cartesiana/newtoniana entre mente e matéria, entre objetivo e subjetivo, entre qualidades primárias e secundárias. Na visão de mundo mecanicista e reducionista, o que é construído prevalece e é mais real que a própria realidade. A visão de mundo holística e sistêmica em contraposição ao reducionismo surge no imaginário social, invadindo todas as esferas da vida. Como corolário da refletividade humana, as ideias de inter-relação e interdependência têm sido progressivamente absorvidas e introduzidas no cotidiano das pessoas. Os diversos sintomas de crise da modernidade levaram as pessoas que viveram esse período a reavaliar suas atitudes. Se, na modernidade, as partes se sobrepunham ao todo e, por isso, eram analisadas em separado, por meio de um esforço analítico, que tinha como função isolar em fragmentos todos os elementos da natureza ou do comportamento humano, atualmente não é mais assim. Algumas pessoas começaram a compreender que, “quando penetramos na matéria, a natureza não nos mostra quaisquer elementos básicos isolados, mas apresenta-se como uma teia complicada de relações entre as várias partes de um todo unificado”. Com relação aos atuais problemas socioambientais existe essa lacuna fundamental entre o ser humano e a natureza. É preciso reconstruir nosso sentimento de pertencer à natureza, a esse fluxo de vida de que participamos. Essa mudança de pensamento se dá por meio da educação ambiental e da educação para o consumo, da informação e da mudança de pequenas atitudes, descritas a seguir. Com isso, será possível tomar consciência de que, por meio da natureza, reencontramos parte de nossa própria identidade humana (PANAROTTO, 2010).

Se a vontade social é formadora da quase inexistente vontade política ambiental, há que se investir com criatividade no processo de tomada de

---

<sup>3</sup> Vandana Shiva (Dehradun, 5 de novembro de 1952) é uma física, ecofeminista e ativista ambiental da Índia. Na década de 1970, participou daquele que ficou conhecido como o Movimento das Mulheres de Chipko, formado em sua maioria por mulheres que adotaram a tática de se amarrar às árvores para impedir sua derrubada e o despejo de lixo atômico na região. Uma das líderes do International Forum on Globalization, Shiva ganhou o *Right Livelihood Award* em 1993, considerado uma versão alternativa do Prêmio Nobel da Paz.

consciência, mediante forte dramatização, atraindo a atenção da mídia, menos para reafirmar o que já foi exaustivamente denunciado e mais para destacar o insubstituível papel da mídia na formação da vontade social. Quanto maior for possível acelerar o processo de transformação comportamental com relação ao meio ambiente, menor será o lamento quando vierem a ocorrer as catástrofes engatilhadas, por não terem sido evitadas a tempo (ZULAUF, 2000). Finalmente, quem sai às compras se depara, em qualquer supermercado, com uma variedade infinita de tipos de produtos, mas não deve se esquecer do seu papel de cidadão do mundo, capaz de intervir, mesmo de longe, em assuntos de extrema relevância para a humanidade.

## Referências

ARAÚJO. *Padrão de produção e consumo: novas perspectivas*. < [http://www.fcap.adm.br/arquivos/Resenha\\_Renata\\_Santiago\\_7Periodo.pdf](http://www.fcap.adm.br/arquivos/Resenha_Renata_Santiago_7Periodo.pdf)> Acesso em: 14 Jun 2010.

CATALISA. *O conceito de sustentabilidade e desenvolvimento sustentável*. <[http://www.catalisa.org.br/site/index.php?option=com\\_content&view=article&id=30&Itemid=59](http://www.catalisa.org.br/site/index.php?option=com_content&view=article&id=30&Itemid=59)> Acesso em: 14 Jun 2010.

CENTRO DE INFORMAÇÃO E DOCUMENTAÇÃO ANTI-COLONIAL. <<http://www.cidac.pt/CadernoConsumoResponsavel.pdf>> Acesso em: 14 Jun 2010.

COOPERAR EM PORTUGUÊS. *Sustentabilidade, desenvolvimento sustentável, construção sustentável, cidades sustentáveis. o que são?* <[http://www.cooperaremportugues.org/apc-aa-cooperaremportugues/img\\_upload/b90e04472576dd31550b30512ae582d3/sustentabilidade\\_impactus10.pdf](http://www.cooperaremportugues.org/apc-aa-cooperaremportugues/img_upload/b90e04472576dd31550b30512ae582d3/sustentabilidade_impactus10.pdf)> Acesso em: 14 Jun 2010.

FAO. *Production yearbooks*. Sustainable agricultural production: implications for international agricultural research. *FAO Res. and Tech. Paper 4*, 1989. 131 p.

GUSMÃO, R. *O insustentável consumo norte-americano*. < [http://www.ietec.com.br/site/techoje/categoria/detalhe\\_artigo/11](http://www.ietec.com.br/site/techoje/categoria/detalhe_artigo/11)> Acesso em: 14 Jun 2010.

MOTTA, R. S. Padrão de consumo, distribuição de renda e o meio ambiente no Brasil. **Texto para discussão**, nº 856, 56 P., 2002.

PANAROTTO, C. *O meio ambiente e o consumo sustentável: alguns hábitos que podem fazer a diferença*. < [http://www.caxias.rs.gov.br/procon/site/\\_uploads/publicacoes/publicacao\\_5.pdf](http://www.caxias.rs.gov.br/procon/site/_uploads/publicacoes/publicacao_5.pdf)> Acesso em: 14 Jun 2010.



PELLAUD, F. Concepções, paradigmas e valores para o desenvolvimento sustentável. *ENSAIO – Pesquisa em Educação em Ciências*, v. 4, n.2, p. 1-8, 2002.

SHIVA, V. *Democracia da terra, democracia viva: reconstruir a segurança em uma era de insegurança*. < <http://mecsrv04.mec.gov.br/univxxi/pdf/vtportugues.pdf> > Acesso em: 16 Jun 2010.

VAN BELLEN, H. M. Desenvolvimento sustentável: uma descrição das principais ferramentas de avaliação. *Ambiente & Sociedade – V. VII*, n. 1, p. 67-88, 2004.

ZULAUF, W. E. O meio ambiente e o futuro. **Estudos Avançados**, v. 14, n.39, p. 85-100, 2000.